

## LES 237/ESALQ/USP

### T5- Problemas fundamentais no espaço tempo mundial

Guilherme Hernandez, Luccas Sallum, Filipe Bianchi, Guilherme Murakawa, Leonardo Montebello, Caio

Torquato, Bruno Bernaldes, Henrique de Jesus

Com contribuições dos grupos e do professor

O autor do texto base para a elaboração do T5 é Boaventura de Sousa Santos (2005), nascido em Coimbra em 1940. Santos obteve seu título de doutor em sociologia do direito pela Universidade de Yale (1973), tornando-se em seguida professor catedrático da Universidade de Coimbra. Atuou em diversas universidades dos Estados Unidos e da Inglaterra. Na Universidade de Coimbra, é Diretor do Centro de Estudos Sociais e Coordenador Científico do Observatório Permanente da Justiça.

O foco do texto em questão está dirigido ao espaço-tempo mundial. O problema fundamental apresentado aqui é a crescente polarização entre o Norte e Sul, ou melhor entre países centrais e periféricos no sistema mundial. Nessa polarização, o autor destaca três vetores principais de problemas: explosão demográfica; globalização da economia e a degradação ambiental.

A propósito convém mencionar que Boaventura de Sousa Santos coordena o projeto “ALICE, espelhos estranhos, lições imprevistas”. Trata-se de uma investigação procurando favorecer o diálogo global Norte e Sul, sob a perspectiva das “Epistemologias do Sul”, concebida visando a promoção do conhecimento de saberes e práticas que permaneceram invisíveis ao longo do tempo, apostando na compreensão intercultural e valorizando identidades e a diversidade.

Para tratar destas questões do espaço-tempo mundial, Boaventura de Sousa Santos apresenta inicialmente quatro diferentes abordagens sobre o tratamento dos problemas fundamentais da sociedade contemporânea. A primeira abordagem, notoriamente defendida por Fukuyama (1992), supõe que a sociedade liberal moderna neutralizou a oposição dos movimentos socialistas e comunistas. Assim, esta sociedade capitalista teria resolvido todos os problemas que lhe foram postos, o que permitiria considerar o “fim da história”.

Outra posição considera que a sociedade contemporânea capitalista avançada, mergulhada em intenso consumo, associado à cultura de massas e à revolução da comunicação, é incapaz de refletir sobre os problemas fundamentais devido à superficialização das condições de existência e dos modo de pensar.

A terceira abordagem de cientistas sociais enfatiza os pressupostos epistemológicos da modernidade. Ou seja, estes pensadores identificam a forma de produzir conhecimento técnico-científico, a concepção mecanicista de natureza e da sociedade, a objetividade concebida como neutralidade, a teorização pretensamente universalista, (mas insensível, androcêntrica e etnocêntrica) como grandes responsáveis pelo abandono da reflexão sobre os problemas fundamentais da humanidade.

Enfim, o último e mais heterogêneo grupo identifica que o problema fundamental da sociedade moderna reside no esgotamento das virtualidades do desenvolvimento societal, ocorrendo um bloqueio na formulação de soluções para conter os excessos do desenvolvimento capitalista. Nesta corrente, existem notadamente autores que propõem alternativas de viés ecológico e de governo transnacional.

Na sequência de sua linha de raciocínio, o autor discute o problema da explosão demográfica. Boaventura de Sousa Santos considera que a tese de Malthus (o crescimento populacional teria uma progressão geométrica que não seria acompanhado pela produção de alimentos, cujo crescimento seria aritmético) falhou por três principais fatores: a emigração maciça de europeus, o aumento da produtividade da terra e o incremento da produtividade do trabalho. Para Santos, nos dias de hoje, apenas existiria a primeira solução ao alcance das populações dos países mais periféricos. Assim, ocorre uma migração intensa com vistas a melhores condições de vida, o que acaba gerando inúmeros problemas. A propósito, os infortúnios do navio humanitário Aquarius são reveladores de xenofobia de dirigentes europeus, impedindo o resgate de migrantes no Mar Mediterrâneo.

Por outro lado, se existe um aumento da produtividade agrícola e industrial em determinados países periféricos, há também grande desequilíbrio na distribuição dos ganhos obtidos. Neste âmbito, outra questão pertinente se refere ao estilo de desenvolvimento, considerando possibilidades para nações periféricas no mundo capitalista, o que será tratado nos dilemas contemporâneos.

No que se refere à polarização causada pela globalização da economia, o sociólogo alemão Jürgen Habermas considera que a desnacionalização da economia, com a consolidação de um mercado mundial marcado por relações assimétricas de poder econômico-político e por fluxos internacionais de capital financeiro-produtivo, destruiu as capacidades interventoras e prejudicou as funções compensatórias dos Estados. Essas relações assimétricas de poder em nível global inverteram a relação entre Estado e economia, pois com a globalização econômica, é o poder econômico que enquadra aquele político. Então, ocorre a hegemonia de capitais transnacionais que, dotados de alta mobilidade, sobrepõem-se aos mecanismos de controle do Estado-nação, ainda impondo exigências em termos de estruturação sociopolítica. O Estado-nação é portanto refém desses capitais transnacionais. Assim, por causa da pressão ligada à concorrência econômica determinada em nível global, o Estado acaba por abdicar de políticas de controle da esfera econômica, restringindo gradativamente as políticas compensatórias destinadas a minimizar os impactos da exploração econômica.

Assim, a globalização econômica é marcada pela transferência do setor industrial para a Ásia e pela primazia total das empresas multinacionais, enquanto “agentes do mercado global”. Neste quadro, há erosão da eficácia do Estado na gestão da macroeconomia, com a desregulação dos mercados financeiros e a revolução das comunicações. O caso da biotecnologia agrícola é revelador desta proeminência das multinacionais, pois estas últimas obtêm quase que exclusivamente patentes, agravando o acesso a recursos pelas populações dos países periféricos. Desta forma, é notável a diferença entre ricos e pobres

no mundo: quando Boaventura de Sousa Santos escrevia seu livro, 1 bilhão de pessoas viviam em pobreza absoluta. Por outro lado, apenas 15% da população mundial produziram e consumiram 70% do rendimento mundial, disparidade que tendeu a se agravar nos últimos anos.

A degradação ambiental é um dos maiores problemas da sociedade atual, o que tem aprofundado o conflito intenso entre o Norte e o Sul. Dificilmente, é plausível pensar que tal problema possa favorecer a constituição de uma plataforma para um exercício de solidariedade transnacional e intergeracional, o que seria desejável. Por mais absurdo que pareça, com o declínio do comunismo, é a capacidade de poluição e degradação da Terra que se transforma na única ameaça credível que os países do Sul podem apresentar aos países do Norte para conseguir algumas concessões. Os países do Norte “especializaram-se” na transferência de seus resíduos poluidores aos países do Sul, por exemplo com a instalação de indústrias pesadas nesses locais.<sup>1</sup> O endividamento dos países do Sul os levam a explorar suas florestas para a produção de matéria prima.

Neste quadro, Boaventura apresenta quatro dilemas do espaço-tempo mundial. - Em primeiro lugar, o capitalismo é um sistema que beneficia poucos. Porém, seus custos são cobrados de todos. Mesmo o fato do consumismo capitalista ter instituído um modelo insustentável, tal padrão é amplamente desejado como uma maneira de alcançar bem estar. Em segundo lugar, a solidariedade desejada com as futuras gerações e com a população de um modo geral para confrontar os sérios problemas globais é bloqueada por lógicas e cálculos de curto prazo dos agentes econômicos globais. Em terceiro lugar, a perda de centralidade institucional e de eficácia reguladora dos Estados nacionais é um dos maiores obstáculos à busca de soluções globais, pois não foi compensada pelo crescimento do poder de instâncias transacionais capazes de tratar de forma solidária dos problemas mundiais. Por fim, a prescrição de regimes democráticos em países periféricos e semiperiféricos não é acompanhada de relações mais democráticas entre os Estados. De fato, a relação entre os países centrais e periféricos do capitalismo é frequentemente identificada como de neocolonialismo.

Apesar das enormes dificuldades, existem movimentos importantes em busca de soluções. Trata-se de movimentos ecológicos, de direitos humanos, de mulheres, de operários entre muitos outros. O desafio é dar espessura política transnacional, para tratar de problemas globais, com múltiplas manifestações locais em diferentes partes do planeta (por exemplo, os movimentos dos povos indígenas que lutam pelo controle dos recursos naturais existentes em seus antigos territórios). Muitos desses movimentos estão ligados a organizações não governamentais transnacionais, adotando o ideal de pensar globalmente e agir localmente.

---

<sup>1</sup> Um exemplo nítido da transferência da responsabilidade ambiental dos países do Norte para os países do Sul é o mercado de créditos de carbono, com o qual os países industrializados pagam para países pouco industrializados pela quantidade de gases poluentes que deixam de emitir (uma tonelada de gás carbônico não emitido equivale a um crédito de carbono) para assim abater a quantidade que excede seus limites.

## Referências

- DANNER, Leno Francisco (2014). Habermas: da globalização da economia à globalização da política. **Cadernos CRH**, Salvador , v. 27, nº 72, pp. 629-642.
- FUKUYAMA, F. (1992), **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco.
- SANTOS, B. S. (2005), **Pela mão de Alice**. Rio de Janeiro: Cortez.